



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ERILANE CRISTINA DA SILVA DO PRADO

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

FORTALEZA

2025

ERILANE CRISTINA DA SILVA DO PRADO

O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Crosara Maia
Leite.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P916e Prado, Erilane Cristina da Silva do.
 O ensino de Ciências Naturais na Educação Infantil: um relato de experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado / Erilane Cristina da Silva do Prado. – 2025.
 61 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2025.
 Orientação: Profa. Dra. Raquel Crosara Maia Leite.
1. Ensino de Ciências. 2. Educação infantil. 3. Experiências. 4. Estágio supervisionado. I. Título.
-

ERILANE CRISTINA DA SILVA DO PRADO

O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Crosara Maia
Leite.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Raquel Crosara Maia Leite (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria José Albuquerque da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Francisca Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Elane Cristina e Francisco
Reginaldo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por sempre estar comigo, fortalecendo a minha fé.

Agradeço profundamente à minha mãe, Elane Cristina, e ao meu pai, Francisco Reginaldo, por todo o apoio e por acreditarem em mim desde o início da minha trajetória escolar. Agradeço também aos demais membros da minha família, que estiveram ao meu lado nos momentos felizes e desafiadores da minha vida.

Sou imensamente grata a Luís Ricardo, meu namorado, um dos maiores motivadores e apoiadores da realização dos meus sonhos. Às minhas amigas, Amanda, Helena, Isys, Julia e Liriane, que sempre estiveram presentes, proporcionando boas risadas e compartilhando aprendizados.

Agradeço também à minha professora de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, Prof.^a Dra. Eunice Andrade de Oliveira Menezes, por todas as orientações e ensinamentos. À minha dupla de estágio, Giselle Moreira Lustosa, por estar comigo durante toda essa jornada.

Sou eternamente grata à minha orientadora, Prof.^a Dra. Raquel Crosara Maia Leite, por acreditar no meu trabalho, oferecer todo o suporte necessário e me acompanhar na elaboração desta pesquisa. À Prof.^a Dra. Francisca Maurilene do Carmo e à Prof.^a Dra. Maria José Albuquerque da Silva, por todos os ensinamentos ao longo do curso de Pedagogia e por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as contribuições do ensino de Ciências para a Educação Infantil com base nas experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado em uma turma de infantil 2 em um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Fortaleza. O estudo tem como objetivos específicos compreender como o ensino de Ciências Naturais acontece na Educação Infantil, ressaltando a importância de uma aprendizagem ativa e do brincar investigativo nesse processo; bem como analisar uma vivência em um estágio supervisionado em Educação Infantil, descrevendo as experiências e estratégias utilizadas para o ensino de Ciências Naturais junto a crianças bem pequenas. A metodologia adotada para a realização deste estudo é a pesquisa bibliográfica, com o intuito de analisar, de forma aprofundada, o tema em questão, além de uma narrativa de experiência fundamentada no relatório elaborado ao longo do estágio supervisionado. Para embasar a análise, foram utilizados os trabalhos de autores como Craidy e Kaercher (2001) e Kishimoto (2010), que discutem a importância da Educação Infantil, assim como documentos essenciais para a reflexão sobre o tema, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (2018). A partir da análise realizada, considerou-se que o ensino de Ciências é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: ensino de ciências; educação infantil; experiências; estágio supervisionado.

ABSTRACT

This work has as general objective to analyze the contributions of Science teaching to Early Childhood Education based on experiences during a supervised internship in a kindergarten 2 class at an Early Childhood Education Center located in the city of Fortaleza. The specific objectives of this study are to understand how Natural Sciences teaching takes place in Early Childhood Education, highlighting the importance of active learning and investigative play in this process; as well as aims to analyze an experience in a supervised internship in Early Childhood Education, describing the experiences and strategies used to teach Natural Sciences to very young children. The methodology adopted to carry out this study is bibliographical research, with the aim of analyzing the topic in question in depth, in addition to a narrative of experience based on the report prepared during the supervised internship. To support the analysis, the works of authors such as Craidy and Kaercher (2001) and Kishimoto (2010), who discuss the importance of Early Childhood Education were used, as well as essential documents for reflection on the topic, such as the Law of Guidelines and Bases of National Education (1996) and the National Common Curricular Base (2018). Based on the analysis carried out, it was considered that the teaching of Science is fundamental for the integral development of children.

Keywords: science teaching; early childhood education; experiences; supervised internship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fachada do CEI.....	21
Figura 2 – Brinquedos da sala de referência.....	24
Figura 3 – Móveis da sala de referência.....	24
Figura 4 – Roda de conversa da sala de referência	24
Figura 5 – Parquinho de areia.....	25
Figura 6 – Refeitório.....	26
Figura 7 – Crianças desenhando livremente durante a acolhida.....	28
Figura 8 – Momento da colagem.....	30
Figura 9 – Crianças brincando livremente.....	31
Figura 10 – Brincadeira simbólica	31
Figura 11 – Capa do livro “A mercearia da Dona Maria”.....	34
Figura 12 – Criança brincando com seu fantoche.....	35
Figura 13 – Fantoches de frutas.....	36
Figura 14 – Contação de história	36
Figura 15 – Interação com a contação de história.....	36
Figura 16 – Crianças degustando suas frutas.....	39
Figura 17 – Espaço da plantação.....	40
Figura 18 – Momento da roda de conversa	41
Figura 19 – Momento do plantio.....	42
Figura 20 – Regando as plantinhas.....	42
Figura 21 – Decorando os vasilhinhos.....	45
Figura 22 – Plantando as sementinhas.....	45
Figura 23 – Colagem com elementos da natureza	46
Figura 24 – Criança mostrando a sua colagem.....	47
Figura 25 – Crianças admirando as suas obras de arte.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEI	Centro de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL...	12
2.1	Práticas pedagógicas na Educação Infantil para promover o Ensino de Ciências Naturais.	14
2.2	A importância do brincar no Ensino de Ciências Naturais para crianças bem pequenas.	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3.1	O local e agentes de pesquisa.	20
4	ANÁLISE DE DADOS	23
4.1	Estrutura do Centro de Educação Infantil e comunidade atendida.....	23
4.2	Análise das Práticas Pedagógicas Docentes no Centro de Ensino Infantil: A Desvalorização das Ciências Naturais.....	27
4.3	Projeto de ensino realizado ao longo do Estágio Supervisionado.....	32
4.3.1	<i>Primeira experiência: Contação de História Interativa.</i>	33
4.3.2	<i>Segunda experiência: Degustando novas frutinhas.</i>	37
4.3.3	<i>Terceira experiência: Plantação de mudinhas frutíferas.....</i>	40
4.3.4	<i>Quarta experiência: Plantação em vasilhos.</i>	42
4.3.5	<i>Quinta experiência: Colagem com elementos naturais</i>	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE A – PLANEJAMENTO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA INTERATIVA	55
	APÊNDICE B – PLANEJAMENTO: DEGUSTAÇÃO DE NOVAS FRUTINHAS	56
	APÊNDICE C – PLANEJAMENTO: PLANTAÇÃO DE MUDINHAS FRUTÍFERAS	57
	APÊNDICE D – PLANEJAMENTO: PLANTAÇÃO EM VASINHOS ...	58
	APÊNDICE E – PLANEJAMENTO: COLAGEM COM ELEMENTOS NATURAIS.....	59

1 INTRODUÇÃO

O estágio escolar é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 – (Brasil, 1996), e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do estudante, garantindo a sua qualificação profissional, dando aos docentes em formação a oportunidade de associar teoria e prática, que é de fundamental importância para que se tornem excelentes profissionais, realizando um trabalho exemplar nas instituições de ensino, pois, como ressaltam Pimenta e Lima (2005/2006, p. 12) “o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos”. Considerando a importância dessa vivência, o presente trabalho procura analisar as experiências que obtive durante o estágio supervisionado em Educação Infantil no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Hodiernamente, na Educação Infantil, as aprendizagens ocorrem por meio de eixos estruturantes, que na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estão organizados em cinco campos de experiências, nos quais estão determinados os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, são eles: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (Brasil, 2018, p. 25).

Os conhecimentos relacionados à área de Ciências da Natureza estão presentes, sobretudo, no campo de experiência “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Apesar de as Ciências da Natureza não serem trabalhadas como uma disciplina na Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento contidos nesse campo contemplam as vivências científicas fundamentais para as crianças.

As experiências voltadas para o ensino de Ciências Naturais são extremamente relevantes para o desenvolvimento das crianças bem pequenas, dessa forma, devem ser garantidas em todos os Centros de Educação Infantil (CEI), pois, como ressaltava Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 114) “desde muito cedo as crianças se deparam com elementos da natureza e artefatos tecnológicos nas vivências de seu dia a dia, tornando-se imprescindível que se ofereça a elas subsídios para que possam melhor compreender a realidade que as cerca”. Porém, ainda é possível observar a desvalorização desse ensino no contexto da Educação Infantil, fazendo-se necessário um aprofundamento acerca da importância que essa área de ensino tem para o desenvolvimento de crianças bem pequenas. Dessa forma, o presente estudo busca esclarecer a seguinte questão-problema: quais são as contribuições que o ensino de Ciências pode trazer para

as crianças bem pequenas, com base nas experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em Educação Infantil?

Tendo em vista isso, este trabalho tem como objetivo geral analisar quais são as contribuições do ensino de Ciências Naturais na Educação Infantil, com base nas experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado. E tem como objetivos específicos compreender como o ensino de Ciências Naturais acontece na Educação Infantil e analisar uma vivência em um estágio supervisionado em Educação Infantil ao se ensinar Ciências Naturais. Desse modo, será possível compreender quais são as melhores possibilidades para auxiliar e melhorar esse processo de ensino. Sendo assim, essa pesquisa é relevante, pois os resultados dela podem contribuir para uma formação mais ampla dos pedagogos.

O enfoque metodológico que guia esta pesquisa é caracterizado por uma abordagem qualitativa, que, segundo Del Carratore (2009), tem como intuito conhecer e esclarecer os detalhes e aspectos que fazem parte do problema em questão. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando analisar de maneira detalhada esse assunto, bem como uma narrativa de experiência, fundamentada no relatório que elaborei ao longo do estágio supervisionado em Educação Infantil.

Desse modo, este trabalho está organizado em cinco seções. Na primeira seção, trago uma contextualização acerca da presente pesquisa. Na segunda seção, busco compreender como o ensino de Ciências Naturais ocorre na Educação Infantil, ressaltando as práticas pedagógicas utilizadas nesse ensino, bem como a relevância do brincar para ensinar Ciências Naturais junto a crianças bem pequenas, com base nos trabalhos de alguns autores, como Fantin (1996), Craidy e Kaercher (2001), Smith (2006), Kishimoto (2010), Garms e Marin (2014).

Em seguida, na terceira seção, descrevo de maneira detalhada a metodologia de pesquisa utilizada para a realização deste trabalho, além do enfoque metodológico usado ao longo do estágio supervisionado. Ressalto o local e os indivíduos da pesquisa, embasando-me nas obras de Minayo (2002), Pimenta e Lima (2005/2006), Marques e Almeida (2011), Rinaldi (2016), entre outros.

Já na quarta seção, apresento a estrutura do CEI, relato quais são as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores na Educação Infantil e destaco a análise de dados coletados ao ensinar Ciências Naturais para crianças bem pequenas, com base no relatório que elaborei e em autores como Oliveira-Formosinho (2007), Augusto (2013), Fochi e Redin (2014), Silva, Schneider e Schuck (2014). Por fim, na quinta seção, apresentarei as considerações finais.

2 O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é a primeira fase da educação básica fundamental no Brasil, sendo o começo do processo educacional, ou seja, a inserção das crianças nos Centros de

Educação Infantil, que na maioria das vezes é a primeira separação da criança com o núcleo familiar, um momento muito delicado para todos os envolvidos, dessa forma, deve ser baseado na afetividade. Segundo Riccioli (2020, p. 28), a “relação família-escola é extremamente importante para a vida escolar das crianças e adolescentes, e esse fator envolve a afetividade”.

Essa etapa é muito importante para o desenvolvimento humano, pois é ao longo desse período que as crianças têm muita curiosidade, buscando conhecer o mundo que as cerca, estando sempre à procura de descobrir o “porquê” das coisas, experimentando novos sabores, cheiros e texturas. Como ressaltam Craidy e Kaercher (2001, p. 16), “a criança vive um momento fecundo, em que a interação com as pessoas e as coisas do mundo vai levando-a a atribuir significados àquilo que a cerca. Este processo que faz com que a criança passe a participar de uma experiência cultural”.

Para a BNCC, os eixos estruturantes que regem as metodologias de ensino da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras, pois é através dessas experiências que as crianças podem conhecer coisas novas, criando as suas hipóteses e elaborando os seus conhecimentos. Na Educação Infantil, as crianças têm diversos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, são eles: conviver com os seus pares e adultos, expandindo as suas concepções em relação a diferentes culturas; brincar diariamente de várias maneiras; participar ativamente durante da rotina; explorar inúmeros recursos de diversas formas; expressar-se como indivíduo dialógico, criativo e sensível, suas necessidades; conhecer-se e elaborar a sua identidade pessoal, social e cultural (Brasil, 2018, p. 37-38).

Todos esses direitos são essenciais para garantir as circunstâncias favoráveis para que as crianças aprendam de forma ativa, sendo, assim, o protagonista na sua busca por novos conhecimentos, o que é extremamente importante para a sua aprendizagem e desenvolvimento, como destaca Oliveira (2013, p. 65):

A atual etapa reconhece o direito de toda criança à infância. Trata-a como “sujeito social” ou “autor pedagógico” desde cedo, agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca do conhecimento, da fantasia e da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento.

Para contemplar os direitos essenciais das crianças, o currículo da Educação Infantil na BNCC está organizado em cinco campos de experiências, são eles: **o eu, o outro e o nós**, que tem como finalidade garantir a interação das crianças com os seus pares e com adultos, fazendo com que elas possam construir a sua maneira própria de sentir, agir e pensar; **corpo, gestos e movimentos**, que possibilita as crianças a explorar o mundo de várias maneiras; **traços, sons, cores e formas**, que proporciona a convivência com diversas manifestações artísticas, culturais e científicas no cotidiano da instituição de ensino; **escuta, fala, pensamento e imaginação**, que promove a participação das crianças em situações comunicativas cotidianas com os indivíduos com as quais interagem; **espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, que possibilita vivências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para procurar suprir às suas curiosidades (Brasil, 2018, p. 40-43).

O ensino de Ciências da Natureza está presente de alguma forma em todos os campos de experiências, porém pode ser trabalhado sobretudo no campo espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, que tem como um dos seus objetivos proporcionar às crianças momentos nos quais elas possam “interagir com o meio ambiente e com fenômenos naturais ou artificiais, demonstrando curiosidade e cuidado com relação a eles” (Brasil, 2018, p. 40-43), ampliando, assim, o interesse das crianças na interação e exploração da natureza e seus elementos.

As crianças estão sempre à procura de novas descobertas e respostas para os questionamentos que surgem constantemente em suas mentes curiosas e criativas. Dessa forma, o ensino de Ciências Naturais garantido na Educação Infantil possibilita que elas explorem o mundo que as cercam, pois, segundo Haile (2018, p. 30), “por vezes, o ensino de Ciências na Educação Infantil surge da curiosidade das crianças a partir de suas observações no mundo. Também pelo direcionamento, por meio da intencionalidade educativa do professor, a criança terá acesso à produção científica”.

Dessa forma, é dever dos professores mediar o processo de aprendizagem das crianças através das metodologias de ensino que promovam a aprendizagem plena, por meio de observações, experimentações e socializações. Para isso, os docentes precisam estar devidamente capacitados para promover vivências que conectem as crianças com conhecimentos científicos que estão ao seu redor, pois, como ressalta Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 121), “o professor tem um papel fundamental nas atividades do ensino de ciências, pois necessita ter uma atitude de socialização com as crianças, incentivando-as e fazendo perguntas para promover o pensamento crítico e a expansão da aprendizagem”.

2.1 Práticas pedagógicas na Educação Infantil para promover o Ensino de Ciências Naturais

Para se ensinar Ciências Naturais na Educação Infantil é necessário que se tenha muitas ações significativas que proporcionem para as crianças uma aprendizagem ativa. Sendo assim, é preciso que haja uma prática de ensino mais dinâmica, buscando como base os interesses da turma, as particularidades próprias de cada faixa etária e os conhecimentos prévios das crianças, pois assim os professores irão conseguir desenvolver práticas educativas apropriadas. De acordo com o Projeto de Orientações Curriculares para a Educação Infantil:

O importante é que essa estratégia didática interogue e promova a aprendizagem. Um fazer pedagógico coerente com a concepção de criança e infância adotada, de democracia, com a indissociação entre o cuidar e educar, com a ludicidade e a brincadeira e que, em sua realização pressuponha processos de interação e colaboração sistemáticas, com base na escuta, no diálogo e na negociação, e tenha em consideração a diversidade e o pertencimento (Brasil, 2009, p. 105-106).

Além disso, o professor da Educação Infantil deve ter em mente que o cuidar e o educar são fazeres pedagógicos inseparáveis, pois a relação professor-aluno possibilita vivências afetivas riquíssimas que integram o cuidar e o educar de maneira simultânea. Como ressaltam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013, p. 89), “na Educação Infantil, [...] a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto”.

Tendo em vista isso, o educador deve planejar as atividades científicas para as crianças levando em consideração essas duas vertentes, criando momentos significativos de aprendizagem para propiciar o desenvolvimento integral das crianças, levando sempre em consideração os seus interesses, o tempo, o espaço e os materiais que serão utilizados. O planejamento é considerado uma bússola que guia o professor no seu cotidiano, por isso deve sempre estar atualizado e personalizado de acordo com a turma, dessa forma, ele conseguirá atingir os objetivos que se propõe. Além disso, é essencial que o planejamento seja flexível, pois na sala de referência podem ocorrer diversas situações que demandem a modificação do que estava previamente planejado e o docente deve estar preparado para estas ocasiões. Conforme o Projeto de Orientações Curriculares para a Educação Infantil:

A ação docente possibilita a tradução da observação em proposição. É o adulto atento à importância de organizar o ambiente, provocar outras ações, desafiar interações. O planejamento não pode ser prévio e pré-determinado numa temporalidade longa. O professor pode, e deve, no início do ano, definir, a partir da proposta pedagógica da escola, da observação das crianças da turma e de suas histórias, metas de longo prazo, porém, o dia-a-dia é que trará elementos para efetivar planejamento (Brasil, 2009, p. 103).

Sendo assim, é imprescindível que haja uma rotina bem planejada com experiências significativas para as crianças, porém é muito importante que o docente não transforme a rotina em uma rotinização, que visa à transformação de atividades em um hábito, repetindo-as de maneira automática no cotidiano das crianças, pois isso resulta na falta de interesse das crianças pelas atividades propostas pelos professores, prejudicando, assim, o seu desenvolvimento. Segundo Garms e Marin (2014, p. 10), “romper a rotinização se faz por meio de pensar as rotinas como práticas educacionais que também podem ser variáveis, múltiplas, mesmo quando recorrentes, reincidentes. É preciso fazer um movimento de recriar, todos os dias [...]”.

Ademais, é extremamente relevante que cada docente observe diariamente cada criança de maneira atenta e registre as suas progressões, dificuldades e necessidades. Essa é a melhor forma de se avaliar na Educação Infantil, por meio da observação contínua e individual, pois possibilita uma análise dos avanços das crianças para, assim, auxiliar da melhor forma no seu desenvolvimento. Demarqui e Vargas (2016, p. 3) salientam que “o olhar avaliativo é o modo que o professor tem na educação infantil de explorar constantemente o mundo da criança, tendo em vista que, observar e compreender o desenvolvimento infantil e suas etapas é fundamental para [...] o trabalho pedagógico”.

Ao se observar as crianças atentamente, os professores também devem explorar os diversos temas científicos que surgem no cotidiano das salas de referências em virtude da curiosidade das crianças, como os seres vivos que estão presentes no seu dia a dia, os animais de estimação que têm em casa ou os que encontram na rua, as plantas que têm no interior do Centro de Educação Infantil, entre outros. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) enfatiza que:

O ser humano, os outros animais e as plantas provocam bastante interesse e curiosidade nas crianças [...] São muitas as questões, hipóteses, relações e associações que as crianças fazem em torno deste tema. Em função disso, o trabalho com os seres vivos e suas intrincadas relações com o meio oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem e de ampliação da compreensão que a criança tem sobre o mundo social e natural. A construção desse conhecimento também é uma das condições necessárias para que as crianças possam, aos poucos, desenvolver atitudes de respeito e preservação à vida e ao meio ambiente, bem como atitudes relacionadas à sua saúde. (Brasil, 1998, p. 188).

Portanto, ao se ensinar Ciências Naturais para crianças bem pequenas, é fundamental que os professores fiquem atentos às reações, preferências, comportamentos e falas de cada criança, incentivando-as sempre a expressar suas opiniões acerca das experiências vivenciadas. Dessa forma, torna-se possível planejar atividades científicas de maneira eficaz, com uma estratégia de ensino adaptada às necessidades individuais de cada turma. De acordo com Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 121) “uma maior variedade de atividades aplicadas no ensino de ciências na educação infantil, pode contribuir para aspectos que vão muito além das questões específicas do saber científico, podendo atingir objetivos vinculados à dimensão afetiva, respeito às opiniões divergentes [...]”.

2.2 A importância do brincar no Ensino de Ciências Naturais para crianças bem pequenas

O ato de brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, pois promove a construção de diversos saberes. As crianças têm um alto nível de curiosidade, que é inerente a essa fase da vida. Dessa forma, elas estão sempre dispostas a explorar o mundo com o intuito de conhecer coisas novas, fazendo isso com frequência através das brincadeiras utilizando a sua imaginação e criatividade. Como ressalta Smith (2006, p. 27):

a experiência do brincar é a maneira ideal de desenvolver a criatividade e a imaginação. [...] Isso porque as crianças ficam livres para experimentar novas idéias no brincar e podem se expressar à sua própria maneira, especialmente no jogo simbólico e no brincar de faz-deconta, em que podem inventar papéis e criar uma história, guiadas livremente pela própria imaginação.

Ademais, as brincadeiras podem promover momentos importantes de interação social, nos quais as crianças se expressam livremente e constroem relações sociais riquíssimas com os indivíduos que as cercam diariamente. Desse modo, o brincar é uma das maneiras mais utilizadas pelas crianças para se expressar, pois ao longo das brincadeiras elas podem demonstrar de maneira espontânea os seus sentimentos, aprendendo, assim, a lidar com eles da melhor forma possível. De acordo com a BNCC, “ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (Brasil, 2018, p. 37).

Tendo em vista isso, e o fato de que as crianças passam um tempo significativo nos Centros de Educação Infantil, é essencial que esse tempo seja utilizado da melhor forma

possível, com o objetivo de estimular e desenvolver todas as potencialidades das crianças. Dessa forma, é relevante que os docentes planejem a rotina das crianças levando em consideração os seus momentos de brincar, seja de maneira livre ou dirigida, pois como destaca Kishimoto (2010, p. 1):

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens.

Dessa forma, os CEIs são locais onde as crianças devem aflorar a criatividade cultural que elas possuem. Tendo em vista isso, os docente não podem permitir que elas deixem de lado a vontade de descobrir coisas novas e se aventurarem na sua imaginação, brincando de diversas maneiras com os seus colegas e professores. Porém, esse brincar deve ser sempre acompanhado de perto pelos docentes, para que tudo esteja adequado, possibilitando, assim, que o momento de brincar aconteça da melhor forma possível. Pois, como salienta Kishimoto (2010, p. 15),

Se o brincar é um dos eixos importantes do trabalho pedagógico, é preciso observar e acompanhar cada criança para verificar quais foram são seus brinquedos preferidos, com quem brincou, como brincou, o que fez de novo em cada semana, se interagiu com a diversidade dos objetos e pessoas de seu agrupamento e de outros, se brincou de faz de conta com guias simples ou complexos, com quem e o que fez. A ausência de guias mais complexos pode ter como causa a falta de brinquedos adequados para ampliar o repertório das crianças, a falta da participação da professora no brincar ou a falta de estruturação do ambiente com brinquedos e mobiliário adequados.

O professor deve, então, nortear a elaboração dos conhecimentos ao incentivar diariamente as diversas formas de brincar, tais como o **brincar social**, no qual as crianças interagem com os sujeitos que estão ao seu redor; o **brincar estruturado**, que são jogos ou atividades organizadas com regras; o **brincar livre**, no qual as crianças podem brincar de maneira espontânea; o **brincar solitário**, ou seja, momentos em que a criança prefere brincar sozinha; o **brincar de imitação**, no qual a criança reproduz atividades que acontecem ao seu redor; o **brincar colaborativo**, que são brincadeiras em equipes, nas quais as crianças precisam cooperar entre si e o **brincar investigativo**, quando as crianças praticam atividades de exploração, observação e descoberta do mundo que as cercam. De acordo com Smith (2006, p. 30), “os educadores têm um papel-chave a desempenhar: ajudar as crianças a desenvolver o seu

brincar. O adulto pode, por assim dizer, estimular, encorajar ou desafiar a criança a brincar de formas mais desenvolvidas”.

É essencial que os docentes desenvolvam atividades investigativas que possibilitem às crianças a exploração de diversos objetos e ambientes. Essa metodologia é uma ótima opção para se ensinar conceitos científicos para as crianças bem pequenas através das brincadeiras, levando em consideração o fato de que as crianças têm um grande interesse pela investigação, pois são muito curiosas, estando sempre à procura de novas descobertas e respostas para as perguntas que sempre surgem em suas mentes. Botega (2015, p. 33) destaca que “é importante promover atividades investigativas, referentes ao ensino de ciências, na Educação Infantil, desde que sejam inseridas a partir do cotidiano das crianças e que tenham caráter lúdico, no intuito de explorar a curiosidade”.

Desse modo, é relevante que os professores busquem proporcionar para as crianças experiências que possibilitem momentos de investigação científica por meio das brincadeiras nas quais elas possam desenvolver melhor os seus conhecimentos através dos questionamentos realizados e das descobertas feitas por elas, pois, de acordo com Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 121), “o professor tem um papel fundamental nas atividades do ensino de ciências, pois necessita ter uma atitude de socialização com as crianças, incentivando-as e fazendo perguntas para promover o pensamento crítico e a expansão da aprendizagem”.

Apesar de parecer uma tarefa desafiadora, a imaginação e a criatividade das crianças tornam essa função mais leve, pois para elas um simples galho pode se tornar uma árvore gigante se plantado no chão, trazendo, assim, diversas dúvidas como: ele precisa de água para crescer? Vão nascer frutas? Sendo assim, basta observar o desejo das crianças, o que elas têm curiosidade em aprender naquele momento e utilizar a sua imaginação para promover brincadeiras investigativas, aflorando, assim, a sua curiosidade em aprender. Segundo Lemes, Lopes e Nina (2016 p. 08):

a brincadeira introduz a criança em um universo de sentidos não somente de ações, valorizando o imaginário da criança para a fantasia com o real, tornando o mundo representado mais desejável pela criança, pois possibilita que a mesma saia do real para descobrir outro mundo, através da imaginação pelo brincar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições do ensino de Ciências Naturais para a Educação Infantil com base nas experiências vivenciadas ao longo de um estágio supervisionado. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa foram caracterizados por uma abordagem qualitativa, que tem um aspecto subjetivo e interpretativo, possibilitando, assim, que os dados sejam coletados de várias formas, por meio de entrevistas e observações. Segundo Minayo (2002, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O presente trabalho tem como enfoque metodológico a análise de uma vivência que pode ser enquadrada em uma forma de narrativa, na qual o autor discorre acerca de uma experiência vivenciada baseando-se em observações subjetivas e objetivas, de acordo com as problematizações, técnicas aplicadas e intervenções feitas. Como ressalta Arruda-Barbosa *et al.* (2019, p. 5):

Relatos de experiência científicos visam a descrever de modo pormenorizado vivências exitosas em uma determinada área do conhecimento que, por sua divulgação científica, podem contribuir de forma relevante para sua área de atuação, funcionando como um exemplo de sucesso de estratégias que podem ser reproduzidas em outras realidades, com as devidas adaptações aos diferentes contextos.

Desse modo, o presente estudo busca analisar, de maneira minuciosa, o relatório que elaborei durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, no qual fiz anotações dos pontos mais relevantes que chamaram minha atenção, assim como as falas marcantes de algumas crianças sobre como estavam se sentindo, sobre algo que queriam em momentos específicos ou sobre situações que aconteceram fora do CEI. Também foi possível realizar gravações e fotos de vivências importantes com as crianças e professoras. Ambos os materiais foram devidamente armazenados para que, posteriormente, eu pudesse realizar uma análise minuciosa dos dados coletados durante a observação, participação e práticas pedagógicas, para que fossem implementados no relatório.

Todos os registros coletados ao longo dessa vivência foram de fundamental importância para a elaboração deste trabalho, pois transmitem, através de um olhar sensível,

todos os detalhes mais relevantes, por vezes invisíveis aos olhos, que contribuíram de maneira significativa para uma análise mais delicada e detalhada de todas as experiências marcantes ao longo desse processo. Segundo Rinaldi (2016, p. 239), “a documentação pode ser vista como uma escuta visível: ela garante ouvir e ser ouvido pelos outros”. Dessa forma, é essencial sempre estar atento a tudo que as crianças querem expressar e documentar o máximo de informações possível.

Tendo em vista isso, essa análise tem como objetivo geral analisar as contribuições do ensino de Ciências Naturais para a Educação Infantil com base nas experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado. E tem como objetivos específicos compreender como o ensino de Ciências Naturais acontece na Educação Infantil; analisar de maneira detalhada todas as vivências ao longo do planejamento e elaboração das experiências com base nas crianças e seus interesses em relação ao ensino de Ciências Naturais. Procurando sempre o auxílio das teorias, pois, de acordo com Pimenta e Lima (2005/2006, p. 9), “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”.

Desse modo, a presente pesquisa tem como eixo a análise minuciosa da minha vivência em um estágio supervisionado em Educação Infantil, no qual busquei extrair todas as contribuições que essa experiência poderia trazer para a formação de professores, tendo em vista que todos os docentes que trabalham com a Educação Infantil precisam ter conhecimentos acerca de como ensinar Ciências Naturais para as crianças bem pequenas da melhor forma possível, pois esses conhecimentos são de fundamental relevância para o seu desenvolvimento. Segundo Haile (2018, p. 13), “o professor de Educação Infantil que trabalha com o ensino de Ciências proporciona a construção do conhecimento de uma maneira na qual a criança se sente acolhida e respeitada”.

3.1 O local e agentes de pesquisa

O relatório de estágio supervisionado em Educação Infantil que embasou a presente pesquisa foi realizado por mim em um Centro de Educação Infantil Municipal, que está localizado ao lado de uma Escola Municipal de Tempo Integral, no Bairro Jardim América, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, que funciona em tempo integral, ou seja, das 7h às 17h. O estágio teve início no dia 05 de abril de 2024 e término em 13 de setembro de 2024, contemplando, assim, as 160 horas obrigatórias que são requisito parcial para a conclusão dos cursos de licenciatura. O estágio aconteceu em duplas e minha parceira foi Giselle Lustosa, uma

excelente colega de trabalho. As análises deste estudo fazem parte do diário de campo que elaborei ao longo dessa experiência prática, que foi riquíssima para minha formação profissional como pedagoga.

Figura 1 – Fachada do CEI



Fonte: Arquivo da autora (2024).

O relatório teve como objetivo relatar o processo de estágio supervisionado em educação infantil, atrelando as minhas vivências aos referenciais teóricos que abordam temáticas como a importância do estágio supervisionado e da prática pedagógica em educação infantil.

A metodologia de pesquisa utilizada para contemplar o objetivo do estágio supervisionado consistiu primeiramente na observação do Centro de Educação Infantil, o que proporcionou uma aproximação com a realidade da rede pública de ensino, bem como com os profissionais e as crianças que vivenciam a rotina do CEI. Nessa fase, foi essencial ficar em contato direto com a turma, observando atentamente as práticas pedagógicas dos professores e fazendo anotações e registros fotográficos dos momentos mais marcantes no desenrolar da rotina. Pois, como ressaltam Marques e Almeida (2011, p. 423):

A documentação ajuda os educadores a escutar e observar as crianças, possibilitando entender como exploram e constroem sua leitura do mundo e como acontecem seus processos de aprendizagem, além de favorecer o processo de reflexão sobre o modo como enxergamos a criança, as construções de infância que perpassam nosso olhar e nossas intervenções como educadores.

Logo em seguida, ocorreu a fase da participação, que fica invariavelmente dependente da vontade do professor da sala de referência e traduz-se no cotidiano em auxiliar

os docentes da melhor forma possível, conforme o que me foi permitido. Durante essa fase, foi muito importante estar totalmente presente para as crianças, pois, ao longo desse período, elas foram revelando quais são os seus interesses e curiosidades, principalmente durante os momentos das brincadeiras livres e espontâneas.

A terceira e última fase é o planejamento de experiências e a realização dessas práticas com as crianças a partir da pedagogia de projetos, que visa um vínculo entre as crianças e um projeto que foi pensado a partir dos seus interesses e desejos. Segundo Santos e Carvalho (2022, p. 251):

Ao serem desenvolvidos de forma adequada, os projetos na educação infantil podem [...] trabalhar temas que sejam de seu interesse e que surjam de suas necessidades. Para tanto, é preciso respeitar tais necessidades das crianças e colocá-las em constante reflexão sobre o mundo e a realidade, discutindo os significados destes temas em seu dia a dia. Acreditamos que essa perspectiva do trabalho por meio de projetos possibilitará às crianças um espaço de aprendizagens significativas.

Tendo em vista isso, elaborei, juntamente com a minha parceira de estágio, cinco planejamentos de práticas pedagógicas que abordavam alguns conhecimentos científicos, como elementos naturais e o desenvolvimento das plantas, pois eram temáticas que as crianças tinham um interesse e curiosidade eminente. Em seguida, as experiências foram vivências junto com as crianças e em parceria com as professoras da sala de referência. Busquei sempre documentar o máximo de informações possíveis, focando em identificar se as experiências estavam sendo proveitosas e cativantes para as crianças.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresentarei a análise dos dados obtidos ao longo do estágio supervisionado em Educação Infantil, incluindo minhas percepções sobre a estrutura do Centro de Educação Infantil e como ela pode impactar as experiências vivenciadas pelas crianças. Também discutirei acerca das práticas pedagógicas das professoras no Centro de Educação Infantil, assim como a desvalorização do ensino de Ciências Naturais para crianças bem pequenas. Além disso, destacarei as estratégias que utilizei para ensinar alguns conhecimentos científicos ao longo do planejamento de ensino que desenvolvi juntamente com a minha parceira de estágio. A análise será apresentada de maneira detalhada e clara, com base nos dados coletados e em autores que estudam as temáticas abordadas. Espero que os resultados dessa análise possam contribuir para o aprimoramento do ensino de Ciências Naturais para crianças bem pequenas.

4.1 Estrutura do Centro de Educação Infantil e comunidade atendida

O Centro de Educação Infantil tem um espaço bem compacto, mas acolhedor. As salas de referência seguem o mesmo padrão: são arejadas e possuem ventiladores, mas não são espaçosas e têm muitos objetos no seu interior. Entre esses objetos, estão os armários das professoras, os colchonetes onde as crianças dormem, os poucos brinquedos e livros aos quais elas têm acesso, além das mesas e cadeiras que são utilizadas para a realização das tarefas e para formarem as rodas de conversa.

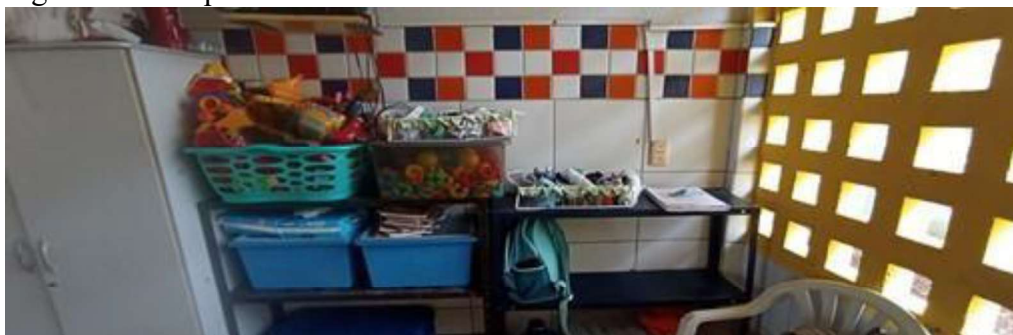
Dessa forma, infelizmente, não sobra muito espaço livre para as crianças interagirem e brincarem dentro das salas de referência, porém as professoras buscaram estratégias para tentar amenizar essa situação, afastando as mesas e guardando as cadeiras para liberar o máximo de espaço possível, conduta muito importante, que demonstra a preocupação das docentes com o bem estar das crianças, pois, como destaca Ricciolli (2020, p. 25), “em creche [...] são atribuídas as seguintes características: ser um ambiente acessível e acolhedor; oferecer condições para que as crianças aprendam e cumprir com seu papel de socialização e interação”.

Porém, apesar dos esforços das professoras, a estrutura da sala de referência não oferecia as melhores condições para realizar as experiências com as crianças e para garantir o seu conforto. A televisão não funcionava, fazendo com que as professoras não utilizassem o recurso de vídeos interativos. Além disso, na sala de referência havia cobogós que permitiam a

entrada do sol, o que se torna muito incômodo, sobretudo durante o momento de descanso das crianças, prejudicando assim a saúde e o bem-estar das crianças e professoras que acompanham esse momento. Dentro das salas, tem um banheiro que é utilizado para a escovação bucal e para o banho das crianças. Durante todo o período de estágio, o banheiro estava com problemas na encanação, causando vazamentos, o que incomodava e atrapalhava a rotina das crianças, pois a água sempre adentrava a sala de referência no momento do banho.

Nas imagens a seguir, é possível observar a estrutura das salas de referência e como elas são organizadas diariamente:

Figura 2 - Brinquedos da sala de referência



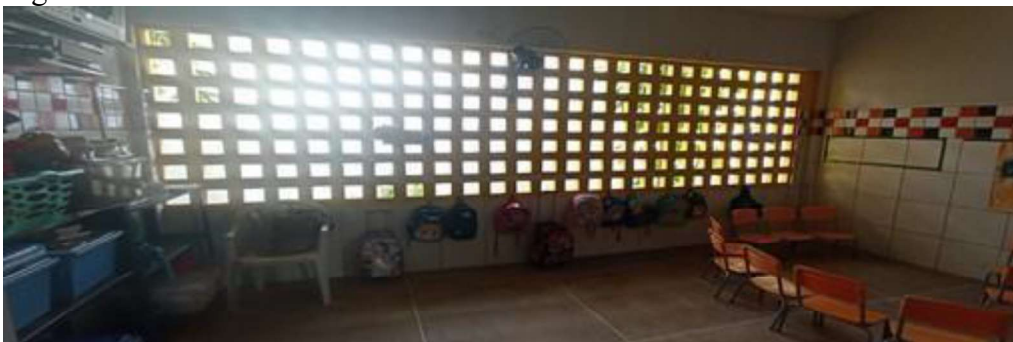
Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 3 - Móveis da sala de referência



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 4 - Roda de conversa da sala de referência



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Além disso, as crianças têm acesso aos espaços externos do CEI, como os dois parquinhos de areia, onde elas amam soltar a sua criatividade e imaginação ao brincarem livremente com os seus colegas. Os parquinhos estão localizados em um espaço aberto, bem arejado e só são utilizados quando a temperatura está amena, como é possível observar na imagem a seguir:

Figura 5 - Parquinho de areia



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Entretanto, as crianças ficam sempre em parquinhos separados, que são divididos por turma durante o ano todo, pois é mais cômodo para os docentes que as crianças brinquem nos parquinhos que estão mais próximos às suas salas de referência. Porém, ao adotarem essa conduta, acabam evitando o contato das crianças com todos os seus pares, ação que é muito importante para o seu desenvolvimento.

As crianças também têm acesso ao refeitório, onde fazem diversas refeições ao longo do dia. O refeitório é um dos espaços mais acolhedores do CEI e está localizado em um local aberto, muito ventilado e com diversas mesas e cadeiras da altura das crianças, possibilitando, assim, que as turmas façam as refeições no mesmo horário. Ao lado do refeitório tem um bebedouro, que as crianças têm livre acesso. Logo em frente está localizada a cozinha, onde são feitas todas as refeições ofertadas para as crianças. O acesso à cozinha é totalmente restrito aos funcionários, visando a segurança das crianças, tendo em vista que a cozinha não é adaptada para elas.

Na imagem abaixo é possível apreciar o momento em que algumas crianças estão almoçando no refeitório:

Figura 6 - Refeitório



Fonte: Arquivo da autora (2024).

No que se refere à comunidade atendida pelo CEI em questão, é possível observar que se trata, em sua maioria, dos filhos de trabalhadores que fazem parte das classes menos favorecidas da sociedade. Dessa forma, muitas crianças não traziam de suas casas itens básicos de higiene pessoal, como creme para assaduras e fraldas descartáveis, usando, assim, as que o CEI fornecia, que por vezes não eram do tamanho adequado para as crianças, prejudicando o seu conforto durante a rotina.

Além disso, também foi possível constatar que a relação entre a comunidade e o Centro de Educação Infantil era de extrema confiança e proximidade, devido aos diálogos calorosos e felizes realizados sempre na chegada das crianças no CEI entre os docentes, gestores e responsáveis dos alunos. Essa relação é extremamente relevante para o bem-estar das crianças, como ressalta Landim (2020, p. 64): “a relação família e creche saudável pode gerar benefícios para a educação informal protagonizada pela família, bem como para a educação formal exercida pela creche”.

Essa receptividade se estendeu aos estagiários que lá colocaram as suas atividades pedagógicas em prática. Os gestores foram muito simpáticos, fornecendo todas as informações necessárias para que o diário de campo fosse elaborado, bem como algumas professoras regentes que se prontificaram a auxiliar em todos os momentos necessários, e que também disponibilizaram momentos da sua rotina para a realização das atividades práticas. Assim como os demais funcionários do CEI, que foram muito acolhedores e simpáticos durante todo o estágio.

Ao analisar a estrutura do CEI, observei que o espaço oferece diversas possibilidades para atividades relacionadas ao ensino científico. O local conta com alguns corredores com plantas, onde as crianças poderiam explorar livremente e aprender sobre o ciclo da vida das plantas. Além disso, os parquinhos de areia, que são bem amplos, proporcionam um ambiente interessante para atividades de exploração e aprendizado. Um dos parquinhos estava sem árvores, o que permitiria uma experiência prática de plantação, ideal para que as crianças pudessem vivenciar o crescimento das plantas. O pátio também se apresenta como um excelente cenário para piqueniques, experimentos científicos e brincadeiras diversas, oferecendo um espaço dinâmico para o aprendizado ao ar livre.

4.2 Análise das práticas pedagógicas docentes no Centro de Ensino Infantil: a desvalorização das Ciências Naturais

O Centro de Educação Infantil onde desenvolvi as atividades pedagógicas do estágio supervisionado atende crianças a partir de 1 ano de idade e conta com cinco turmas de Educação Infantil. Essas turmas incluem uma de infantil 1, duas de infantil 2 e duas de infantil 3. Cada turma é composta por duas professoras regentes, que possuem diferentes cargas horárias de trabalho e se revezam ao longo da semana para garantir que ambas tenham tempo suficiente para a realização de seus planejamentos de ensino semanais. Além disso, todas as turmas contam com o apoio de uma professora auxiliar e, quando necessário, agentes de inclusão, conforme a demanda específica de cada turma.

A turma escolhida para realização do estágio supervisionado foi a turma do infantil 2ª, com crianças bem pequenas de 2 anos que, durante o estágio, contava com 20 crianças na turma. Uma delas estava em processo de investigação, em busca de um possível diagnóstico de transtorno neurológico. A rotina das crianças começa desde a chegada (7h às 7h e 30min) na qual sempre havia um momento de acolhida, seguida do desjejum, parquinho de areia, lanche, seguido do banho, depois o almoço e, por último, o descanso (11h). O CEI funciona em tempo integral, porém, infelizmente, a pesquisa só pôde ser realizada durante o período da manhã.

O primeiro contato com as crianças foi muito positivo, havendo momentos de abraços e carinho nos quais as crianças estavam deixando claro que eu era bem-vinda em sua turma, pois, como ressaltam Fochi e Redin (2014, p. 13), “as linguagens das crianças configuram-se de um modo de ação no mundo que ocorre de diversas formas, corrompendo a ideia de que somente a partir do momento da aquisição da fala é que se começa a comunicar-se”.

A rotina do CEI sempre começava com um momento de acolhida, no qual as professoras precisam planejar momentos com o intuito de recepcionar as crianças da melhor maneira possível. Durante todo o período do estágio, observei que esses momentos frequentemente se tornavam repetitivos, pois, de modo geral, as docentes disponibilizavam brinquedos e convidavam as crianças para brincar sentadas nas cadeiras da sala de referência. Embora a brincadeira seja essencial para o desenvolvimento das crianças, percebi que elas precisavam ser incentivadas a brincar de formas diferentes e com brinquedos variados. Caso contrário, a brincadeira poderia se tornar repetitiva e monótona, o que poderia levar as crianças a perderem o interesse. De acordo com Kishimoto (2010, p. 15-16):

A repetida manipulação de um determinado tipo de brinquedo por um bebê faz parte de sua forma de explorar, mas, para uma criança de 2 a 3 anos, pode ser um problema. É preciso verificar a causa. Muitas vezes faltam brinquedos e a ação da professora para diversificar o brincar. É pela observação diária dos interesses e da evolução do brincar de cada criança que se pode acompanhar a qualidade do trabalho pedagógico. Os instrumentos de observação e registro devem servir como base para o planejamento das atividades.

No entanto, em um dos dias em que estive no CEI, a rotina das crianças começou de uma maneira diferente. Durante a acolhida, elas foram convidadas a desenhar livremente, o que se mostrou uma atividade extremamente importante para o desenvolvimento delas. As crianças adoraram a proposta e se envolveram profundamente, criando verdadeiras obras de arte. Essa abordagem trouxe um ar de novidade e alegria para o momento, além de estimular a criatividade de cada uma delas. A seguir, é possível observar um pouco desse momento:

Figura 7 - Crianças desenhando livremente durante a acolhida



Fonte: Arquivo da autora (2024).

No momento da roda de conversa, geralmente são cantadas músicas de bom dia, como a “Bom dia céu, bom dia mar”, e normalmente as crianças cantam de maneira alegre. Em

seguida, as professoras realizam algum tipo de atividade com as crianças. Uma delas foi uma contação da história do livro “Os três porquinhos”, utilizando o auxílio de fantoches. Durante todo o momento de contação, as crianças precisavam ficar em silêncio absoluto, não podiam pegar nos fantoches e nem se levantar das cadeiras ou eram repreendidas de maneira imediata, metodologia considerada equivocada, pois as crianças são sujeitos ativos e de direitos, que precisam participar ativamente das atividades que ocorrem no ambiente dos CEIs. Silva, Schneider e Schuck (2014, p. 71) destacam que “conceber a criança como protagonista ativa de seu processo de crescimento é abrir espaço à sua própria participação [...] no processo de ensino e de aprendizagem. Para que isso ocorra, o olhar do professor e a sua escuta são fundamentais”.

Dessa forma, era essencial para o desenvolvimento das crianças que elas interagissem durante a contação de história, sendo, assim, as protagonistas durante todo o momento da vivência. Infelizmente eu não poderia interferir para não gerar conflitos com as professoras da turma. Tentei, então, amenizar a situação para as crianças, interagindo com a história e trazendo para sentar-se ao meu lado aquelas que estavam aparentemente mais frustradas com a situação. Dessa forma, conseguir distraí-las ao brincar com elas e falar sobre algum personagem da história.

Além disso, presenciei outra roda de conversa, que começou novamente com as mesmas canções de bom dia. Em seguida, a conversa foi iniciada pelas professoras com perguntas como: "Hoje está chovendo? Como está o tempo lá fora?" Esses questionamentos foram bem recebidos pelas crianças, que, em sua maioria, responderam de maneira alegre e ainda fizeram outras perguntas, como: "Por que hoje tá calor, tia?" e "Por que a chuva tá demorando, tia?".

No entanto, a docente respondeu de maneira rápida, sem dar muita atenção a essas questões, que eram extremamente ricas e poderiam ter sido mais exploradas. Tais perguntas estavam carregadas de curiosidade e interesse, sendo uma excelente oportunidade para abordar conhecimentos científicos. Esses questionamentos poderiam ter sido uma ponte perfeita para inserir outros assuntos importantes, já que a curiosidade das crianças é um ponto crucial para o ensino de Ciências Naturais.

A professora regente teve essa atitude pois considerava que era mais relevante realizar uma atividade de colagem relacionada ao folclore brasileiro naquele momento, em que cada criança iria colar, uma de cada vez, partes do personagem Boitatá, que a professora havia confeccionado, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 8 - Momento da colagem



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Tendo em vista isso, pude observar que a experiência proposta pela professora regente não tinha uma real conexão com o interesse das crianças, ficando evidente que o foco da atividade estava mais voltado aos desejos da docente. Ela poderia ter interligado a temática do folclore brasileiro com as perguntas feitas pelas crianças sobre o clima, conectando dois temas importantes. No entanto, não houve flexibilidade no planejamento, o que impediu que as crianças se tornassem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Esse tipo de abordagem limita a possibilidade de exploração das curiosidades das crianças, que, quando bem aproveitadas, podem enriquecer o ensino de Ciências Naturais e fomentar o interesse delas pelo mundo ao seu redor. De acordo com Silva, Schneider e Schuck (2014, p. 68):

Para o êxito de um trabalho em sintonia com o contexto cultural e social em que a comunidade escolar está inserida, que leve em consideração o que vem das crianças e o que está chamando a atenção do próprio professor, é necessário considerar as crianças como competentes e ativas. Elas são capazes de levantar problemáticas interessantes de serem estudadas, o que significa percebê-las como protagonistas. O professor, por sua vez, está sempre atento, apropriando-se de um escutar/ver que possa permitir a captação dos sinais que demonstram os interesses dos grupos de crianças. Ele se envolve com as crianças na investigação de suas curiosidades, para então possibilitar a participação [...].

Outro momento riquíssimo para se propor atividades com as crianças é o momento do parquinho de areia, pois elas amam brincar e se divertir com os sujeitos que estão ao seu redor. Porém, infelizmente, ao longo desse momento, poucas professoras estão dispostas a interagir e participar das brincadeiras juntamente com as crianças, pois, segundo uma delas, esse é o seu momento de descanso. Portanto, de modo geral, uma parte significativa das docentes ficava apenas observando as crianças brincarem, para mediar conflitos e evitar que

elas se machucassem. Metodologia inadequada, pois, dessa, forma deixam de incentivar e interagir com esse momento riquíssimo, como ressalta Kishimoto (2010, p. 8), “o brincar interativo com a professora é essencial para o conhecimento do mundo social e para dar maior riqueza, complexidade e qualidade às brincadeiras”.

De acordo com Silva (2015. p. 8), “a brincadeira se constitui num procedimento fundamental para o crescimento da criança possibilitando a construção do conhecimento. [...] na qual as crianças podem se expressar pelas ações e construir relações sociais com outros sujeitos”. Dessa forma, busquei sempre incentivar e interagir com elas nesses momentos tão ricos para o seu desenvolvimento. Nas imagens a seguir, é possível apreciar alguns desses momentos:

Figura 9 - Crianças brincando livremente



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 10 - Brincadeira simbólica



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Durante um dos dias no CEI, a professora regente me informou que estava se recuperando de uma doença na garganta e que, por esse motivo, não poderia falar muito, pois acreditava que não estava totalmente recuperada e que o médico se equivocou ao liberá-la para o trabalho. As professoras têm à disposição caixinhas de som com microfone para que não forcem a sua voz, porém a professora decidiu que naquele dia as crianças iriam brincar durante toda a manhã. Percebi que isso foi uma falta de respeito com as crianças, pois elas têm o direito de vivenciar novas experiências no CEI, e é dever dos professores proporcionar isso a elas. A BNCC deixa bem claro ao destacar que:

[...] direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se

provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (Brasil, 2018, p. 37).

Ao longo do estágio supervisionado, não presenciei nenhum momento em que os interesses das crianças foram realmente atendidos, e não houve experiências diferentes e lúdicas. A metodologia utilizada se mostrou inadequada, pois, como destaca Haile (2018, p. 13), “adentrar ao mundo das crianças é se deparar com a vasta demanda de seus interesses e curiosidades acerca dos fenômenos que as cercam. O professor deve prestar atenção ao que as crianças observam e vivenciam”. A falta de atenção a esses aspectos essenciais comprometia a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças.

Além disso, o ensino de Ciências Naturais também foi esquecido ao longo de todo o processo de observação e participação do estágio supervisionado, tendo em vista que não presenciei nenhuma atividade que abordasse essa temática. Quando questionadas a respeito disso, uma das docentes esclarece que “antes de você chegar, a gente plantou feijões nos copinhos, eles gostaram muito”. Ou seja, de modo geral, o ensino científico não foi muito valorizado nessa turma específica. Porém, era eminente o desejo das crianças em saber mais sobre assuntos ligados às Ciências Naturais, pois estavam sempre perguntando acerca das árvores e frutas, assim como sempre queriam saber como estava o clima. Dessa forma, é essencial que os docentes tenham uma escuta sensível para detectar informações importantes que as crianças transmitem. Segundo Oliveira-Formosinho (2007, p. 28):

A escuta, tal como a observação, devem ser um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, suas motivações, suas relações, seus saberes, suas intenções, seus desejos, seus modos de vida, realizado no contexto da comunidade educacional, que procura uma ética de reciprocidade. Assim, a escuta e a observação devem se um porto seguro para contextualizar a ação educativa.

4.3 Projeto de ensino realizado ao longo do Estágio Supervisionado

Decidi, juntamente com a minha dupla de estágio e a professora orientadora, que planejaríamos as experiências com as crianças com base na Pedagogia de projetos, que busca criar um vínculo entre as crianças e um projeto que desperte seu interesse e curiosidade. Assim, ao escolhermos o tema, levaríamos em conta o que as crianças já conheciam, o que desejavam saber mais e como poderia ser trabalhado de forma que envolvesse de maneira significativa o aprendizado e a exploração de conhecimentos.

Tendo em vista isso, em um dos dias de observação no CEI, notei que as crianças estavam encantadas e imersas em uma brincadeira de faz de conta, em que elas entravam dentro da casinha de brinquedo que havia no parquinho de areia e lá vendiam frutas simbólicas, representadas por folhas, areia ou brinquedos diversos. Pedi permissão para participar e fui atendida. Logo me juntei a elas, entrei na brincadeira e pedi para comprar diversas frutas. Nesse momento, foi possível notar que um número significativo de crianças ainda não conhecia algumas frutas que eu havia pedido para comprar, como kiwi, sapoti, carambola e tamarindo. Então elas prontamente me questionaram “o que é isso tia?”. Expliquei para as crianças que eram frutas e como elas eram, citando algumas características, como cor, formato, textura, aroma e sabor de cada uma, mas era muito importante que essa explicação acontecesse de uma forma mais detalhada e lúdica, de maneira que as crianças pudessem de fato conhecer essas frutas.

A partir desse momento, decidi, com a minha dupla de estágio, que abordáramos o tema frutas, com o objetivo de apresentar para as crianças novas frutas e informações sobre elas. Porém, no decorrer das experiências, foi possível observar o interesse eminente das crianças por plantações e elementos da natureza. Pensando em planejar de acordo com o desejo das crianças, decidimos, então, que as últimas três vivências iriam abordar essa temática. De acordo com a BNCC, “As crianças [...] demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza [...])” (Brasil, 2018, p. 42).

Dessa forma, todas as atividades foram cuidadosamente planejadas com o objetivo de ensinar as crianças de maneira lúdica, participativa e exploratória, proporcionando a elas se aprofundarem um pouco nos conhecimentos pelos quais já demonstravam grande interesse naquele momento. Buscamos proporcionar momentos nos quais elas pudessem explorar coisas novas e vivenciar ativamente todas as experiências. Como destacam Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 121), “uma postura metodológica no ensino de ciências que possibilite e contribua para a criação de momentos nos quais as crianças possam ampliar sua curiosidade e seu interesse na exploração de diversos materiais e ambientes, analisando e diferenciando seus atributos”.

4.3.1 Primeira experiência: Contação de História Interativa

Decidi, juntamente com a minha dupla, que, para começar o ciclo de experiências com as crianças, seria muito interessante proporcionar para elas uma contação de história

interativa, para que elas pudessem participar ativamente desse momento, além de poderem conhecer novas frutas por meio das imagens da história, dos fantoches criados e das descrições feitas ao longo da contação de história.

A história escolhida foi “A mercearia da Dona Maria”, de Pollyane Jamasi, que narra a linda história de frutas que ficam muito felizes ao serem compradas pelos clientes de Dona Maria. O livro mostra uma grande diversidade de frutas, como carambola, seriguela, pitomba, graviola e murici, além de ressaltar como é importante para a saúde comer frutas todos os dias. Salomão, Amaral e Soares (2014, p. 6924-6925), em seu artigo denominado “Ciências na Educação Infantil e Séries Iniciais: Experiências de Brincar e Aprender”, também acharam relevante iniciar as suas atividades ao ensinar Ciências por meio de uma contação de história, pois consideram que “existem muitas atividades possíveis de serem desenvolvidas buscando-se um ensino de ciências mais significativo, dentre as quais destacam as seguintes: o uso sistemático da literatura infantil, da música, do teatro e de vídeos educativos [...]”.

Na imagem a seguir é possível observar a capa do livro:

Figura 11 - Capa do livro “A mercearia da Dona Maria”



Fonte: https://www.baixelivros.com.br/infantil/a-mercearia-da-dona-maria#google_vignette.

Preparamos um ambiente dentro da sala de referência, colocando um tecido bem grande no chão para que as crianças que tivessem interesse pudessem sentar. Levei almofadas, o livro impresso e fantoches dos personagens para que o momento fosse o mais interativo possível, pois a preparação de um ambiente mais lúdico e aconchegante para a realização das vivências é essencial para que as crianças tenham mais interesse e se sintam encantadas pelas

atividades propostas, além de proporcionar momentos únicos de interação entre o docente e as crianças, como ressaltam Trezzi e Rosa (2020, p. 187):

o educador deve exercer o cuidado com as crianças [...], pois além de ser fundamental preparar o ambiente no qual a criança está inserida o educador torna-se parte desse ambiente e precisa criar vínculo com essas crianças a ponto de prover a elas, juntamente com o espaço físico, a qualidade das experiências vividas. Sempre com o olhar atento para a melhor oportunidade de intervenção, de estímulos que favoreçam a complexidade, para, por fim, oportunizar um desenvolvimento significativo a elas.

Após a preparação do local, convidei as crianças para que se aproximassem do ambiente preparado. Elas aceitaram o convite de forma alegre e se dirigiram rapidamente para o local. Então expliquei para as crianças que iria contar uma história sobre frutas, mostrando algumas páginas do livro. Perguntei se alguém conhecia algumas das frutas presentes na história e as crianças reconheceram algumas delas, como a manga, o caju e as uvas, mas algumas não conheciam frutas como a carambola e o sapoti.

Iniciei a leitura e, quando cada fruta aparecia na história, fazia uma voz diferente e minha dupla mostrava o fantoche que a representava. Ao interagir durante a contação, as crianças falavam “eu gosto de manga, tia” e pediam para segurar os fantoches. Dessa forma, minha colega de estágio foi entregando-os para as crianças conforme as frutas que eles representassem apareciam na história, o que causou imensa surpresa e felicidade nas crianças, pois foram ouvidas e atendidas. O ato de escutar as crianças é essencial na Educação Infantil, como ressaltam Silva, Schneider e Schuck (2014, p. 75): a “escuta atenta e perspicaz é fundamental para que ele possa desenvolver o seu papel profissional da melhor maneira”. Nas imagens a seguir, podemos ver um pouco de como foi esse momento:

Figura 12 - Criança brincando com seu fantoche



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 13 - Fantoches de frutas



Fonte: Arquivo da autora (2024).

As crianças gostaram muito dos personagens que receberam, ficaram brincando com as frutas e comentando com os colegas sobre gostar ou não daquela fruta. Cada criança interagiu com a história da sua maneira, se divertindo, participando, conversando sobre as frutas e queriam saber mais sobre elas, como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 14 - Contação de história



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 15 - Interação com a contação de história



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Quando a contação de história terminou, as crianças guardaram os fantoches nas suas mochilas para brincarem em outro momento, se assim desejassem. Em seguida, elas seguiram a sua rotina normalmente, indo para o desjejum e logo após para o parque de areia. No momento do lanche, foi possível notar que algumas crianças comeram todo o mamão que foi servido e outras se permitiram provar ao serem incentivadas ao relembrar da história. Fiquei muito contente que elas reconheceram o mamão da história e tiveram interesse em degustar um pouco.

No apêndice A é possível observar o planejamento pensado para a realização dessa experiência com as crianças, contendo todas as informações necessárias para colocá-las em prática.

4.3.2 Segunda experiência: Degustando novas frutinhas

Na segunda prática, cheguei à conclusão, em parceria com a minha dupla, que deveríamos levar algumas frutas diferentes das que são servidas no CEI, e que por vezes não estão presentes no cotidiano das crianças, pois elas demonstraram muito interesse pelas frutas mostradas na história contada na experiência anterior. Dessa forma, elas poderiam provar, sentir suas texturas, ver como elas têm diferentes formatos, apreciar as suas cores vibrantes, enriquecendo todos os seus sentidos, o que é muito importante para o seu desenvolvimento, pois, segundo Silva (2021, p. 5), “todos esses estímulos relacionados aos cinco sentidos, proporcionam instrumentos necessários, para que a criança se desenvolva e fortaleça a sua personalidade, favorecendo o desenvolvimento”, além de proporcionar uma experiência diferente que conectou as crianças com o ensino de Ciências Naturais ao proporcionar a exploração de alguns dos diversos frutos presentes na flora brasileira. O planejamento pensado para realização dessa experiência pode ser observado no apêndice B.

Para contextualizar o momento da vivência, fizemos uma rodinha de conversa com as crianças na sala de referência. Nesse momento, expliquei como seria a experiência e onde seria. Aproveitei para resgatar a história que foi contada na vivência anterior, ressaltando que conheceríamos alguns dos personagens dela. Elas logo se lembraram da manga (personagem principal do livro) e ficaram muito felizes e ansiosas para conhecer. Preparamos um ambiente aconchegante para acolher as crianças e escolhemos um espaço fora da sala de referência para vivenciar esse momento. Levei um tecido para colocar no chão e minha colega levou as frutas dentro de uma bandeja.

Convidei todas as crianças para o pátio perto do refeitório e do parquinho de areia, onde aconteceria a vivência. Elas ficaram encantadas com a preparação do “piquenique” e com a quantidade e diversidade de frutas que tínhamos escolhido levar, como sapoti, tangerina, pera, kiwi, manga, tomate cereja e morangos. Quando todas se acomodaram da forma que desejavam, higienizei as mãos de todas as crianças com o auxílio das professoras e começamos a mostrar as frutas que iríamos provar, ainda inteiras. Fizemos alguns questionamentos, como “você sabem o nome dessa fruta?”. Ao mostrar o kiwi, algumas sabiam, mas nunca tinham provado, o que despertou ainda mais o interesse e curiosidade delas, tendo em vista que as crianças gostam de se deparar com novas experiências, pois é dessa forma que elas descobrem o mundo, como ressalta Souza, Donadel e Kunz (2017, p. 198): “as crianças manifestam frequentemente a curiosidade, querem entender o mundo que as cerca e, por isso, exploram e questionam”.

Logo após, todas as crianças puderam tocar nas frutas livremente, sentindo os diversos aromas e texturas. Elas amaram sentir o cheiro marcante da tangerina e a textura dos pelinhos que tem na casca do kiwi. Nesse momento, uma das crianças deu uma mordida na pera e disse “Humm, que gostosa, tia! É maçã verdinha?”. Logo esclareci que ela estava comendo uma pera, que a maçã verdinha era outra fruta muito gostosa. Começamos, então, a mostrar as frutas cortadas, como elas eram por dentro, fazendo uma comparação com o fruto inteiro. Em seguida, perguntei para as crianças que frutas elas gostariam de provar. Dessa forma, fui servindo cada uma de acordo com os seus desejos e curiosidades, estimulando sempre as crianças que não queriam provar algumas frutas, como o sapoti, a experimentar um pouco e sentir o seu sabor, pois ele era muito gostoso.

Cada reação foi mais interessante que a outra: alguns arregalaram os olhos com a surpresa do sabor do alimento, outros pegavam e amassavam as frutas nas mãos para sentir as diversas texturas, apreciando as colorações, outros cheiravam e por vezes já recusavam, pois não se sentiam atraídos a experimentar, como foi o caso do sapoti. Uma das crianças ficou impressionada com o sabor do tomate cereja, degustou vários e não queria mais saber de outras frutas, fazendo até um sinal de “gostei” com as mãos. Já outra questionou se o tomate era realmente uma fruta, já que sua mãe nunca tinha feito um suco, mas sim colocado na salada. Os outros escutaram atentos a resposta, que tomate era uma fruta, pois ele cresce da flor do tomateiro. As crianças acharam isso incrível.

Esses conhecimentos são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, pois permite que elas tenham mais conhecimento sobre o mundo que as cercam. Como ressaltam Vieira, Pereira e Serra (2018, p. 117), “a curiosidade e a observação são características presentes nas crianças desde muito pequenas e é por meio dessas características

e das perguntas que fazem aos adultos, que as crianças buscam entender e compreender o mundo que as cerca, tanto o físico como o social”.

Tendo em vista isso, é possível observar a grande importância de ensinar Ciências Naturais para crianças bem pequenas por meio de vivências que estimulem sempre a sua curiosidade, possibilitando, assim, que elas aprendam conhecimentos acerca do mundo em que vivem. Segundo Haile (2018, p. 30), “por vezes, o ensino de Ciências na Educação Infantil surge da curiosidade das crianças a partir de suas observações no mundo. Também pelo direcionamento, por meio da intencionalidade educativa do professor, a criança terá acesso à produção científica”.

Além disso, foi possível incentivar as crianças a experimentarem novos alimentos saudáveis, promovendo uma educação alimentar e nutricional que se torna essencial nessa fase da vida, pois é justamente nesse período que as crianças estão mais abertas a explorar e descobrir novos sabores e hábitos alimentares. A introdução de alimentos saudáveis nesse contexto é fundamental para formar hábitos alimentares positivos que perdurem ao longo da vida. Como destacam Pereira, Nunes e Moreira (2020, p. 6), “para facilitar a compreensão e assimilação de ideias, bem como a formação da consciência crítica alimentar e autonomia das crianças, devem ser realizadas ações de educação alimentar e nutricional [...], considerando como estratégias a oferta da alimentação saudável”. Essas ações, ao serem integradas ao cotidiano das crianças, não só contribuem para a sua saúde, mas também para o fortalecimento de sua capacidade de fazer escolhas alimentares conscientes e responsáveis.

Na imagem abaixo, é possível apreciar um pouco desse momentos:

Figura 16 - Crianças degustando suas frutas



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Passados alguns minutos de degustação, a professora regente começou a chamar as crianças para o parquinho de areia, pois ela decidiu que as crianças não iriam para o desjejum, tendo em vista que já tinham comido muitas frutas. Algumas crianças decidiram acompanhar a professora, mas outras quiseram continuar naquele espaço degustando as frutas. Tendo em vista isso, continuei no espaço com as crianças que ainda tinham interesse pela vivência, esperando o tempo delas, pois, como destaca Augusto (2013, p. 26), “a diversidade de experiências é plano de fundo para as elaborações das crianças, mas é a continuidade que promove a exploração, a investigação, a sintetização de conhecimentos e a atribuição de sentido”.

4.3.3 Terceira experiência: Plantação de mudinhas frutíferas

A terceira vivência foi planejada para suprir de maneira concreta algumas dúvidas que as crianças tiveram na experiência anterior, como: “de onde vem a manga, tia?”. Dessa forma, planejei, juntamente com a minha dupla, um momento de plantação. No apêndice C é possível observar o planejamento elaborado para essa experiência.

Levamos algumas mudas de plantas para serem plantadas no CEI junto com as crianças. Compramos mudas de limoeiro, mangueira, cajueiro e aceroleira, pois eram as mudas que conseguimos ter acesso naquele momento. Preparamos o ambiente, que seria fora da sala de referência, perto de uma árvore que já tinha sido cortada por conta do cupim que havia se proliferado nela, logo, as professoras sugeriram que a plantação ocorresse naquele local. Deixamos as mudinhas na areia, juntamente com os regadores, que elaborei com garrafas pet, e objetos para cavar, como baldes, espátulas de brinquedo e pequenos recipientes, deixando tudo à disposição das crianças, como é possível observar na imagem a seguir:

Figura 17 - Espaço da plantação



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Convidamos as crianças para conhecer o ambiente que havíamos preparado. Elas ficaram muito curiosas para saber o que iríamos fazer e se dirigiram para o ambiente

rapidamente. Quando todas se acomodaram, fizemos uma rodinha de conversa para explicar o que iria acontecer. Como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 18 - Momento da roda de conversa



Fonte: Arquivo da autora (2024).

No momento da roda, perguntei se alguém sabia de onde vinham as frutas, como elas nasciam, se elas já tinham visto uma muda de alguma árvore. Algumas disseram que elas já vinham prontas do mercantil, outras disseram que vinham de sementes. Conversamos, então, um pouco sobre isso e busquei explicar da melhor forma possível de onde vinham as frutas que elas tanto gostaram. As crianças ficaram encantadas com as plantas, que não estavam com frutas e nem eram grandes. Havia apenas folhas e galhos, o que gerou bastante curiosidade, mas, com o auxílio das etiquetas que coloquei em cada planta, dava para identificar qual fruto nasceria se a mudinha fosse bem cuidada.

Após a roda de conversa começamos a plantação. Ficamos imersos na brincadeira de plantar por um bom tempo. Era água para um lado, terra para o outro. As fardas das crianças já estavam irreconhecíveis de tanta sujeira, mas elas estavam se divertindo bastante, o que é muito importante para o desenvolvimento delas, o brincar de maneira livre enquanto aprende a cuidar das plantinhas. Ao plantá-las e regá-las com o maior cuidado e interesse, eles sabiam que, se cuidassem, um dia aquela mudinha se tornaria uma árvore cheia de frutos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 178), “a interação com adultos e crianças de diferentes idades, as brincadeiras nas suas mais diferentes formas, a exploração do espaço, o contato com a natureza, se constituem em experiências necessárias para o desenvolvimento e aprendizagem infantis”.

Nas imagens a seguir, é possível apreciar um pouco de como foi esse momento de plantação:

Figura 19 - Momento do plantio



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 20 - Regando as plantinhas



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Enquanto a plantação acontecia, crianças do infantil 3 A e B foram para o parquinho de areia e se depararam com a incrível visão da prática que estávamos vivenciando e se juntaram a nós, o que proporcionou um momento muito rico de interação entre as crianças, ação que raramente acontece por serem de parquinhos opostos¹. Isso causou um certo desconforto nas professoras regentes das turmas, pois o tempo que elas haviam falado que a experiência deveria ter (30 minutos) já havia se passado, tempo que eu considerei insuficiente para realizar a atividade, tendo em vista o interesse das crianças em participar e explorar mais aquele momento. Como ressalta Silva (2015, p. 13), “é importante para o desenvolvimento da criança a disponibilidade de espaço e tempo para que ela possa desenvolver suas brincadeiras”.

4.3.4 Quarta experiência: Plantação em vasinhos

A quarta prática pedagógica foi pensada visando reforçar os aprendizados sobre plantas acarretados na vivência anterior, trazer novos conhecimentos acerca das sementes, bem como reforçar o vínculo entre o CEI e as famílias. Para Landim (2020, p. 46), “a relação família e creche beneficia o desenvolvimento da criança, porque quando isto acontece, o protagonismo da família é resgatado e a atuação da creche como complementar se torna possível”.

¹ As crianças brincavam em parquinhos opostos, pois cada turma tinha o seu parquinho definido.

Tendo em vista isso, realizamos uma plantação em mini vasos feitos com rolos de papel higiênico. Separei os materiais necessários nos dias anteriores, como fita, sementes de gergelim e alpiste, canetinhas, areia, espátulas, rolos de papel higiênico, palitos de picolé, papel impresso em forma de plaquinhas e garrafinhas pet. Utilizamos as plaquinhas impressas e os palitos de picolé para fazermos plaquinhas de identificação, dessa forma, as professoras saberiam de quem é cada vasinho.

Também utilizamos as garrafas pet para fazermos mini regadores, que as crianças poderiam utilizar para regar a sua sementinha e fizemos os vasilhos com rolinhos de papel higiênico com o intuito de mostrar para as crianças que as coisas podem se transformar através da reciclagem. Uma simples garrafa pet se transformou em um ótimo regador com a apenas alguns furinhos e os rolos de papel higiênico que iriam para o lixo se transformaram em lindos vasilhos com alguns recortes e cola. Porém, tivemos que preparar todos os materiais com antecedência, pois, ao fazer testes, percebi que demoraria muito para o fundo ser colado e, infelizmente, a professora regente da turma havia disponibilizado apenas 20 minutos para realizar toda a vivência, tempo que considerei insuficiente, tendo em vista o número de questionamentos que surgem por parte das crianças durante a vivência e o seu interesse em explorar ao máximo os momentos propostos.

Com todo o material pronto e organizado, conversamos com a professora regente da turma acerca de fazer essa vivência no parquinho de areia, como havíamos combinado anteriormente, porém ela falou que não seria mais possível, pois dessa forma demandaria mais tempo e seria muito desorganizado. Tentei argumentar, porém não obtive sucesso. Isso impediu que as crianças explorassem outros espaços de uma maneira diferente, restringindo o ambiente do parquinho ao momento de brincadeira livre. Para a Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

a observação e a exploração do meio constituem-se duas das principais possibilidades de aprendizagem das crianças [...]. A interação com adultos e crianças de diferentes idades, as brincadeiras nas suas mais diferentes formas, a exploração do espaço, o contato com a natureza, se constituem em experiências necessárias para o desenvolvimento e aprendizagem infantis (Brasil, 1998, p. 178).

Tendo em vista isso, fiquei muito triste por não conseguir proporcionar uma vivência da forma como havia planejado. Tivemos que adaptar rapidamente a experiência para se adequar às novas condições, então montamos um ambiente dentro da sala de referência, deixando todos os preparativos à mostra das crianças, para que elas pudessem explorar da forma que quisessem. Organizamos uma rodinha de conversa no chão da sala e explicamos para as

crianças o que iríamos vivenciar naquele momento, explicando que as plantinhas que a gente havia plantado na experiência anterior nasciam das sementes e que elas iriam plantar as sementes nos vasinhos e depois levarem para suas casas para cuidar delas, colocando no sol e regando com a ajuda da mamãe.

Após o momento da roda, distribuí as canetinhas para todos e eles foram fazendo desenhos nos seus respectivos vasinhos da forma como queriam. Depois que todos tinham enfeitado seus vasos, começamos a plantação. Fomos auxiliando as crianças e orientando-as, destacando que primeiro elas deveriam colocar a terra, depois as sementes, acrescentar mais terra e, por fim, regar para que as sementes pudessem ficar guardadinhas no meio da terra. Expliquei também que era muito importante que elas colocassem os vasinhos no sol, pois o quentinho do sol iria fazer as plantinhas crescerem fortes. Esses ensinamentos básicos sobre a plantação são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, pois como destaca Vergutz *et al.* (2021, p. 8):

a interação com a natureza vem a contribuir não somente para o desenvolvimento motor da criança, mas também potencializa a sensibilização para o cuidado com o meio ambiente, provocando uma reflexão e o despertar de uma consciência crítica para a mudança de valores e atitudes em relação ao ambiente.

Quando as crianças finalizaram a sua plantação, colocamos o nome de cada uma nas plaquinhas e as fixamos nos cobogós da sala de referência para que elas pudessem receber um pouco de sol. Ao final do dia, todos os vasinhos foram entregues às crianças para que elas pudessem levá-los para casa e cuidar de suas sementinhas todos os dias, com o intuito de acompanharem o crescimento das plantinhas.

O planejamento original dessa experiência está localizado no apêndice D, que contém todas as informações necessárias para sua execução em um ambiente fora da sala de referência. No entanto, em situações que impossibilitem essa realização ao ar livre, é possível observar que a atividade também pode ser adaptada e realizada dentro da sala de referência, mantendo a essência do aprendizado e o envolvimento das crianças com o processo. Nas imagens abaixo é possível observar um pouco desse momento:

Figura 21 - Decorando os vasilhinhos



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Figura 22 - Plantando as sementinhas



Fonte: Arquivo da autora (2024).

4.3.5 Quinta experiência: Colagem com elementos naturais

A quinta experiência foi planejada pensando em apresentar para as crianças as belezas que a natureza pode nos proporcionar. O planejamento dessa experiência pode ser observado no apêndice E. Preparamos um momento de colagem com elementos da natureza e, para isso, alguns dias antes da vivência começamos a coletar diversos elementos naturais que achávamos na rua ao longo da nossa rotina, como folhas, galhos e flores. Preparamos um ambiente dentro da sala de referência, juntando todas as mesas da sala para que as crianças pudessem realizar a colagem juntas, interagindo umas com as outras e distribuimos pelas mesas todos os materiais que seriam necessários para realização da colagem.

Em seguida, conversamos com as crianças, mostrando os materiais e perguntando se elas já haviam visto alguns dos elementos da natureza que estava na mesa. Algumas já apontaram para as folhas e falaram: “essas daqui têm ali fora, tia”. Outra criança pegou as rosas

nas mãos e falou “nunca vi essa flor tão linda”. Conversamos, então, sobre de onde vinham essas flores tão lindas, que as plantas nos presenteavam com essa beleza em toda primavera². Essa palavra despertou a curiosidade das crianças, que logo quiseram saber um pouco mais sobre as estações do ano. Ao incentivar a curiosidade das crianças e possibilitarmos que elas sejam as protagonistas durante as vivências, podemos, então, explorar diversos conceitos de uma maneira lúdica e divertida. Conforme Schneider (2015, p. 78-79), “as crianças são protagonistas ativas de seu processo de crescimento, pois, além de elas estarem lendo a realidade que as cerca, estão tendo a oportunidade de expressarem suas impressões a respeito da mesma”.

Ao longo do processo de colagem, estive à disposição das crianças para tirar as suas dúvidas e dar um suporte de fosse necessário. As colagens estavam ficando incríveis, elas estavam amando a experiência e em todo momento ficaram mostrando as suas artes, orgulhosas do que estavam fazendo. Foi encantador de ver. De acordo com Reis (2021, p. 17-18):

a educação infantil é a fase que as crianças realizam atividades com caráter lúdico e podem explorar sua criatividade [...] que devem ser oferecidas de maneira proveitosa em todos os ambientes escolares e por todos aqueles que fazem parte do contexto em que a criança participa.

Nas imagens a seguir, é possível apreciar um pouco o momento das colagens com elementos da natureza:

Figura 23 - Colagem com elementos da natureza



Fonte: Arquivo da autora (2024).

² Geralmente relacionamos primavera com a estação das flores, mas as plantas podem apresentar flores/inflorescência em outras épocas do ano.

Figura 24 - Criança mostrando a sua colagem



Fonte: Arquivo da autora (2024).

Ao chegar ao fim da colagem, guardamos elas cuidadosamente. Na próxima visita que fizemos ao CEI, convidamos as crianças a colarem as suas obras de arte em uma cartolina para montar um painel que ficasse exposto no local. Elas aceitaram de maneira animada, então pedi o auxílio das professoras da sala de referência para cortamos cuidadosamente as colagens das crianças para que todas coubessem no painel. Logo após colarmos as obras de artes das crianças no painel com a ajuda delas, fixamos na frente da sala das crianças em uma altura que elas conseguissem ter acesso, juntamente com a árvore de memórias que construímos em conjunto, para relembrar os momentos que passamos juntos.

As crianças apreciaram muito as suas artes, apontavam para a colagem que eles haviam feito, sorriam, chamavam os colegas para ver, as professoras das outras salas e os coleguinhas se juntaram a elas para comentar que suas obras estavam muito lindas e as crianças ficavam com um sorriso encantador, pois estavam sentindo que a sua arte estava sendo valorizada e admirada. Fiquei extremamente feliz e com a sensação de tranquilidade, pois pude ter a certeza de que o meu dever foi cumprido ao conseguir levar momentos alegres para aquelas crianças. A seguir é possível observar uma imagem desse momento:

Figura 25 - Crianças admirando as suas obras de arte



Fonte: Arquivo da autora (2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a minha experiência durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, buscando compreender a relevância de ensinar Ciências Naturais para crianças bem pequenas nos Centros de Educação Infantil (CEI). A análise foi realizada a partir do acompanhamento da rotina de uma turma de infantil 2, bem como da realização de cinco práticas pedagógicas com temas relacionados às Ciências Naturais, que planejei juntamente com a minha dupla de estágio. Tivemos como foco principal a Pedagogia de projetos, em que as atividades foram planejadas de acordo com o interesse eminente das crianças.

Além disso, este trabalho teve como enfoque a análise das práticas pedagógicas utilizadas ao ensinar conhecimentos científicos para crianças bem pequenas, na qual destaquei a importância de uma aprendizagem ativa, em que as crianças são as protagonistas do seu processo de conhecimento. Também procurei evidenciar a necessidade de um planejamento flexível que permita mudanças inesperadas ao longo da rotina. Ressaltei, ainda, a relevância do ensino de Ciências Naturais para o desenvolvimento integral das crianças e como o brincar investigativo pode ser essencial para apoiar esse ensino.

A vivência aqui analisada confirmou a importância de repensar algumas práticas pedagógicas de ensino utilizadas dentro do Centro de Educação Infantil, pois evidenciei experiências que, por vezes, eram inadequadas. Além disso, destaquei o fato de que, frequentemente, o ensino de Ciências Naturais é negligenciado na rotina dos CEIs, o que pode ser prejudicial para o desenvolvimento das crianças.

É possível observar a relevância desta pesquisa no sentido em que deixa claro aos docentes a importância de se ensinar Ciências na Educação Infantil, tendo em vista todos os benefícios desse ensino para o desenvolvimento integral das crianças, aguçando a sua curiosidade eminente, possibilitando, assim, com que as crianças descubram as maravilhas do mundo que as cercam com base nos seus interesses.

Ademais, o presente estudo pode auxiliar professores a ensinar Ciências Naturais para crianças bem pequenas, tendo em vista que ressalto alguns exemplos de práticas pedagógicas que têm como enfoque o desejo das crianças, trazendo de maneira detalhada todas as experiências mais relevantes vivenciadas durante as práticas pedagógicas no meu estágio supervisionado em Educação Infantil. Além disso, destaco conhecimentos sobre algumas práticas pedagógicas adequadas ao se ensinar Ciências Naturais na Educação Infantil, como a relevância de se ensinar por meio da brincadeira livre ou orientada.

Dessa forma, é possível constatar que o objetivo geral do presente trabalho foi alcançado, tendo em vista que, ao longo desta pesquisa, consegui evidenciar que existem diversas contribuições ao se ensinar Ciências Naturais para as crianças bem pequenas, tais como o aprimoramento do seu potencial investigativo e o seu desejo de conhecer e explorar a natureza, os seus elementos e os animais que vivem ao seu redor.

Além disso, os objetivos específicos também foram atingidos, pois durante o estudo deixei evidente como o ensino de Ciências Naturais acontece na Educação Infantil, enfatizando a relevância de uma aprendizagem ativa e do brincar investigativo nesse processo. Também realizei a análise de todas as experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado em Educação Infantil, descrevendo as experiências e estratégias utilizadas para o ensino de Ciências Naturais junto a crianças bem pequenas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA-BARBOSA, L. *et al.* Extensão como ferramenta de aproximação da universidade com o ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 316-327, out./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053146465>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- AUGUSTO, S. O. A experiência de aprender na educação infantil. **Salto para o futuro - Novas Diretrizes para a Educação Infantil**, [S. l.], Ano XXIII, Boletim 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: https://www2.natal.rn.gov.br/sme/paginas/File/cursoformacao/A_experiencia_de_aprender_na_educacao_infantil.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.
- BOTEGA, M. P. **Ensino de ciências na educação infantil: formação de professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde) — Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3547>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, UFRGS, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf Acesso em: 09 jan. 2025.
- CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DEL CARRATORE, L. R. R. Pesquisa Científica em comunicação: uma abordagem conceitual sobre os métodos qualitativos e quantitativos. **Comunicação & Inovação**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 29-35, 2009. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/899. Acesso em: 23 mar. 2025.
- DEMARQUI; D. V. P.; VARGAS, P. L. Um olhar reflexivo sobre o processo avaliativo na educação infantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., SEMINÁRIO PIBID/FACCAT, 1., 2016, Taquara. **Anais do I Seminário Internacional de Educação, III Seminário Nacional de Educação e I**

Seminário PIBID/FACCAT. Taquara: FACCAT, 2016. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/UM%20OLHAR%20REFLEXIVO%20SOBRE%20O%20PROCESSO.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FANTIN, M. **Jogo, brincadeira e cultura na educação infantil.** 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 1996. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76565>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FOCHI, P. S; REDIN, M. M. (org.). **Infância e Educação Infantil:** linguagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014. p. 191.

GARMS, G. M. Z.; MARIN, F. A. D. G. Rotina ou rotinização: o que prevalece na prática das professoras da educação infantil? *In:* CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2., CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2014, Águas de Lindóia. **Anais do II Congresso Nacional de Formação de Professores, XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores.** São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 6138-6150. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/141776>. Acesso em: 23 mar. 2025.

HAILE, A. C. **O Ensino de Ciências na Educação Infantil.** 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3946>. Acesso em: 23 mar. 2025.

JAMASI, P. **A mercearia da Dona Maria.** Ilustrações de Adams Pinto. Fortaleza: SEDUC/CE, 2016.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** *In:* SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais,** Belo Horizonte: SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=7155&Itemid=. Acesso em: 23 mar. 2025.

LANDIM, S. P. P. **Entre tensões e proposições: a relação família e creche.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202304>. Acesso em: 23 mar. 2025.

LEMES; R. K.; LOPES; A. S.; NINA, E. K. D. A importância do brincar para a criança: educação infantil e anos iniciais. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., SEMINÁRIO PIBID/FACCAT, 1., 2016, Taquara. **Anais do I Seminário Internacional de Educação, III Seminário Nacional de Educação e I Seminário PIBID/FACCAT.** Taquara: FACCAT, 2016. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20BRINCAR.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MARQUES, A. C. T. L; ALMEIDA, M. I. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. **Revista de Educação Pública,** Cuiabá, v. 20,

n. 44, p. 413-428, set./dez., 2011. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/315>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. *et al.* (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. ed. 21. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação; *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência. **Revista Poíesis**, Niterói, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://inbio.ufms.br/files/2022/03/texto-2-referencia-2-disciplinas-estagio.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

PEREIRA, T. R.; NUNES, R. M.; MOREIRA, B. A importância da educação alimentar e nutricional para alunos de séries iniciais. **Lynx**, [S. l.], v. 1, n. 1, maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lynx/article/view/25591>. Acesso em: 17. fev. 2025.

REIS, R. S. **A importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança**. 2021. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/fcf9151c-71e5-4932-84bc-089e5e4e5ed2/download>. Acesso em: 23 mar. 2025.

RICCIOLLI, V. S. S. **A relevância da afetividade na educação infantil**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Goiano, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1460/1/TCC%20A%20RELEV%20C3%82N%20CIA%20DA%20AFETIVIDADE%20NA%20EDUCA%20C3%87%20C3%83O%20INFANTIL%20-%20Vict%20B3ria%20Ricciolli.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. *In*: EDWARD, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens das crianças**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 235-247.

SANTOS, D. A. N.; CARVALHO, D. A. D. Pedagogia de projetos na educação infantil: significados gerados na tematização da prática. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, p. 348-361, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/62636>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SALOMÃO, S. R.; AMARAL, M. B.; SOARES, K. D. A. Ciências na Educação Infantil e Séries Iniciais: experiências de brincar e aprender. **Revista SBEnBio**, [S. l.], n. 7, p. 6923-6931, out. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Karla-Soares-2/publication/334093591_CIENCIAS_NA_EDUCACAO_INFANTIL_E_SERIES_INICIAIS_EXPERIENCIAS_DE_BRINCAR_E_APRENDER/links/5d1613ca458515c11cff7345/CIE

NCIAS-NA-EDUCACAO-INFANTIL-E-SERIES-INICIAIS-EXPERIENCIAS-DE-BRINCAR-E-APRENDER.pdf. Acesso em: 17. fev. 2025.

SCHNEIDER, M. C. **O protagonismo infantil e as estratégias de ensino que o favorecem em uma turma da educação infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1050>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, J. S.; SCHNEIDER, M. C.; SCHUCK, R. J. O princípio do protagonismo infantil: a participação da criança na construção do planejamento no enfoque emergente. **Revista Contemporânea de Educação**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 64-84, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1715>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, G. G. **Ensino de Ciências na Educação Infantil: Brincando e Construindo Conhecimento Científico**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42463>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, J. M. A importância de trabalhar os sentidos na educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2021, Campina Grande. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Editora Realize, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80715>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SMITH, P. K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, J. R. *et al.* **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 25-38.

SOUZA, C. A.; DONADEL, T. B.; KUNZ, E. Sobre como tolhemos a curiosidade das crianças. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 192-204, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p192>. Acesso em: 23 mar. 2025.

TREZZI, C.; ROSA, G. R. A. Os ambientes educativos na creche e sua influência no desenvolvimento da criança. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 176-190, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/777>. Acesso em: 23 mar. 2025.

VERGUTZ, N. B., *et al.* A criança e o meio natural: a acuidade deste contato para a potencialização do desenvolvimento infantil. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 7, n. 7, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/20651>. Acesso em: 23 mar. 2025.

VIEIRA, R. G.; PEREIRA, A. S.; SERRA, H. Apontamentos sobre o ensino de Ciências na Educação Infantil. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 8, n. 24, p. 113-123, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/10261>. Acesso em: 23 mar. 2025.

APÊNDICE A – PLANEJAMENTO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA INTERATIVA

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	Escuta, fala, pensamento e imaginação (EF).
EXPERIÊNCIA	Explorar o livro “A mercearia da Dona Maria”, de Pollyane Jamasi, por meio da contação de histórias interativas.
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	<p>(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.</p> <p>(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando a escrita de ilustrações.</p>
O QUE AS CRIANÇAS PODEM APRENDER	Por meio dessa experiência, as crianças poderão conhecer os diversos tipos de frutas.
TEMPO	A experiência ocorrerá durante 30 minutos, tendo início após a acolhida.
ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	Iniciar organizando um ambiente acolhedor com almofadas e tapetes, para que a contação da história aconteça. Logo após, convidar as crianças para esse espaço. Em seguida, quando todos estiverem à vontade, começar a contação da história escolhida.
RECURSOS	Almofadas, tapete, imagens do livro “A mercearia da Dona Maria”, de Pollyane Jamasi, frutas de papel coladas em palitos de picolé.
AVALIAÇÃO	Identificar o nível de interação das crianças com o ambiente e analisar o interesse delas pela história abordada.

APÊNDICE B – PLANEJAMENTO: DEGUSTAÇÃO DE NOVAS FRUTINHAS

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	O eu, o outro e o nós (EO) . Escuta, fala, pensamento e imaginação (EF) .
EXPERIÊNCIA	Explorar novas frutas, como kiwi, morango, pera, manga, abacaxi, cajá, acerola, caju e maracujá, durante um piquenique.
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos. (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho, sabor).
O QUE AS CRIANÇAS PODEM APRENDER	Por meio dessa experiência, as crianças poderão conhecer novas frutas, experimentar novos sabores e socializar com a turma o que acharam da nova experiência.
TEMPO	A experiência ocorrerá durante 30 minutos, tendo início após a acolhida.
ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	Iniciar organizando o ambiente em forma de feirinha. Logo após, realizar uma roda de conversa com crianças para explicar acerca da brincadeira. Em seguida, dar início à exploração das frutas.
RECURSOS	Frutas diversas, papel toalha, pratinhos e tapete.
AVALIAÇÃO	Analisar os conhecimentos prévios das crianças acerca das frutas abordadas e identificar o nível de interesse delas pela experiência proposta.

APÊNDICE C – PLANEJAMENTO: PLANTAÇÃO DE MUDINHAS FRUTÍFERAS

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações (ET) . O eu, o outro e o nós (EO) .
EXPERIÊNCIA	Explorar um corredor antes não utilizado na escola, transformando-o em uma pequena plantação de frutas.
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela. (EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
O QUE AS CRIANÇAS PODEM APRENDER	Por meio dessa experiência, as crianças poderão aprender um pouco acerca de como é realizada uma plantação, explorar a terra e conhecer mudas de plantas.
TEMPO	A experiência ocorrerá durante 30 minutos, tendo início após a acolhida.
ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	Iniciar organizando o ambiente no qual ocorrerá a plantação. Logo após, realizar uma roda de conversa com crianças para explicar acerca da experiência proposta. Em seguida, realizar o deslocamento da turma.
RECURSOS	Mudas de frutas, pás e ciscadores de brinquedo, regadores de plantas.
AVALIAÇÃO	Identificar o nível de interesse das crianças pelo cuidado com as plantas.

APÊNDICE D – PLANEJAMENTO: PLANTAÇÃO EM VASINHOS

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações (ET). Corpo, gesto e movimento (CG).
EXPERIÊNCIA	Realizar uma plantação em mini vasos elaborados com rolos de papel higiênico e decorá-los por meio de desenho livre.
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela. (EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.
O QUE AS CRIANÇAS PODEM APRENDER	Por meio dessa experiência, as crianças poderão aprender um pouco acerca de como é realizada a plantação de sementes em mini vasos.
TEMPO	A experiência ocorrerá durante 20 minutos, tendo início após a acolhida.
ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	Iniciar organizando o ambiente no qual ocorrerá a plantação e decoração dos vasos. Logo após, realizar uma roda de conversa com as crianças para explicar acerca da experiência proposta. Em seguida, dar início.
RECURSOS	Sementes, regadores, terra, rolos de papel higiênico e canetinhas.
AValiação	Analisar o desenvolvimento das crianças em habilidades manuais ao produzir e decorar os vasos por meio do desenho livre, bem como o seu interesse pela experiência proposta.

APÊNDICE E – PLANEJAMENTO: COLAGEM COM ELEMENTOS NATURAIS

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	Corpo, gesto e movimentos (CG). O eu, o outro e o nós (EO).
EXPERIÊNCIA	Realizar uma colagem utilizando elementos da natureza. Em seguida, montar um mural com todas as obras de arte produzidas pelas crianças e deixá-lo exposto no CEI para que as crianças apreciem.
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros. (EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
O QUE AS CRIANÇAS PODEM APRENDER	Por meio dessa experiência, as crianças poderão desenvolver as suas habilidades manuais e apreciar a beleza que os elementos naturais podem oferecer.
TEMPO	A experiência ocorrerá durante 40 minutos, tendo início após a acolhida.
ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	Iniciar organizando o ambiente no qual ocorrerá a colagem. Logo após, explicar acerca da experiência proposta. Em seguida, dar início.
RECURSOS	Folhas, fita dupla face, cola de isopor, tesoura, cartolina elementos da natureza como: folhas, flores, areia e galhos.
AVALIAÇÃO	Identificar o nível de interesse das crianças pela experiência proposta, bem como o seu desenvolvimento em habilidades manuais ao realizar a colagem.